

Coexistência: arquitetura japonesa através da estética do *ma*

Catarina Calil Breymaier

Orientação: Profa. Ms. Marina Pedreira de Lacerda (Estácio/Escola da Cidade).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2019.

“coexistência” é um percurso. Esse ensaio parte do trabalho realizado para a conclusão de curso da graduação que buscou compreender, tanto pelo conteúdo quanto pela forma de leitura proposta por um caderno, as características da cultura e arquitetura japonesa. É através do caminhar por entre as páginas das partes que compõem o livro que o conteúdo todo é apresentado. Nesse trajeto, a passagem do tempo é singular; ora mais devagar para que haja atenção e melhor compreensão do assunto ali tratado; ora de forma mais pausada, com momentos de respiros e intervalos essenciais que fazem a transição de um momento para outro; ou

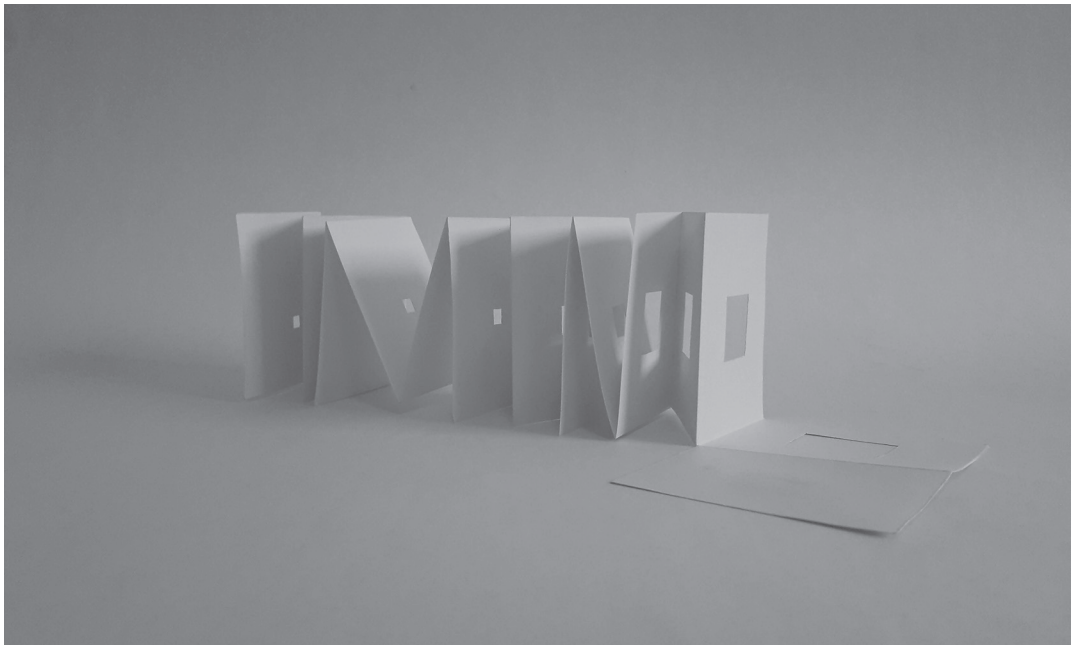
até um prolongamento do tempo que se desdobra em novos caminhos de páginas e ramificam para o aprofundamento em um determinado assunto, ou o aprofundamento de um detalhe específico. Aqui esse percurso toma outra forma. A partir da estética do *ma*, apresenta-se a essência e coexistência da arquitetura japonesa por meio do vazio, intervalo, conexão e do sensorial. Através de análises de projetos em três tempos — tradicional, moderno e contemporâneo — esse trabalho apresenta uma narrativa por meio de diagramas e croquis e de um percurso pelos projetos, se aproximando e caracterizando conceitos da arquitetura japonesa.

Coexistence: Japanese architecture through the aesthetics of *ma*

“coexistence” is a pathway. This essay is based on the work carried out during undergraduate that sought to understand Japanese culture and its architectural characteristics, both in the content and in the way of reading a book. Through analysis of projects in three different stages — traditional, modern, and contemporary — this work presents a narrative of diagrams and sketches, a journey throughout projects, approaching and characterizing concepts of Japanese architecture. When someone flips the pages of a regular book, its entire content is revealed. The passage of time is unique: sometimes slower, so that one can pay more attention and can better understand the book content; occasionally, even more, slower, with moments to breathe and take essential pauses to better transit from one moment to another; and there is even an extension of the time that unfolds into new paths of pages and branches; hence one can further understand a particular subject or get close to specific detail. However, from the aesthetics of *ma*, this passage of time takes another form. The essence and coexistence of Japanese architecture are presented through a void, a gap, a connection, and a sense.

Coexistencia: arquitectura japonesa a través de la estética de *ma*

“coexistencia” es una ruta. Este ensayo se basa en el trabajo realizado para concluir el curso de pgrado que pretendía comprender, tanto por el contenido como por la forma de lectura propuesta por un cuaderno, las características de la cultura y la arquitectura japonesa. Es a través del recorrido por las páginas de las partes que componen el libro, que se presenta todo el contenido. En ese camino, el paso del tiempo es único; reza más lentamente para que haya atención y una mejor comprensión del tema tratado allí; reza más lentamente, con momentos de respiración e intervalos esenciales que hacen la transición de un momento a otro; o incluso una extensión del tiempo que se despliega en nuevas rutas de páginas y ramas para profundizar en un tema determinado, o la aproximación de un detalle específico. Aquí, ese camino toma otra forma. Desde la estética de *ma*, se presenta la esencia y la convivencia de la arquitectura japonesa a través del vacío, la brecha, la conexión y lo sensorial. A través del análisis de proyectos en tres etapas — tradicional, moderna y contemporánea — ese trabajo presenta una narración a través de diagramas y croquis, de un viaje por los proyectos, acercándose y caracterizando conceptos de la arquitectura japonesa.



ESSÊNCIA

es.sên.ci.a sf. 1. Natureza íntima das coisas. [...] 3. ideia principal. (MICHAELIS, 2000, p.251).

A pesquisa buscou identificar a essência da arquitetura japonesa por meio da análise de três projetos — Katsura Imperial Villa (séc. xvii), Sky House (1958), do arquiteto Kiyonori Kikutake, e Musashino Library (2010), do arquiteto Sou Fujimoto — para compreender a permanência de alguns conceitos e características na prática arquitetônica do Japão ao longo do tempo. A intenção desse trabalho surgiu durante uma vivência realizada em 2018, em um estágio no escritório SANDWICH, localizado em Quioto. Um dos primeiros contatos e aproximação com a cultura japonesa ocorreu durante o processo de criação de um dos projetos, no qual a arquitetura foi introduzida através de fotografias de obras, dispostas na mesa em uma ordem — tradicional, moderna e contemporânea —, e através de poucas e pausadas palavras, começamos a elencar características em comum.

De certa maneira, o trabalho é um desenvolvimento dessa vivência, a continuação do exercício de compreender os princípios da arquitetura japonesa; e as indagações e reflexões que despertaram acerca do tema com o passar do tempo.

Entendendo que a forma de organizar o espaço reflete a cultura de um povo, para compreender a arquitetura japonesa, foi necessário explorar o modo como os japoneses enxergam o mundo, levando em consideração as noções do visível e invisível. Particularmente as filosofias que regem diversos princípios nipônicos, como o taoísmo, xintoísmo, budismo e chaísmo; ligados ao respeito e o culto à natureza, bem como à noção de espaço e tempo.

[...] é preciso que haja espaço e tempo para que as coisas fluam e aconteçam [...] o presente do que denomina de agora = aqui é o que importa, mas ele pode se ampliar ou reduzir, assim como é feito com o espaço interior e exterior das casas japonesas, de acordo com as necessidades. (KATO, 2012, p.43).

A concepção do espaço japonês se dá principalmente pela experiência do percurso, o trajeto que conduz o indivíduo pelo projeto, transmitindo um entendimento único daquele lugar. A composição arquitetônica japonesa privilegia o aspecto relacional e o contato com os elementos por partes, e não a apresentação do conjunto todo. Ela se dá pela soma de experiências geradas pelo caminhar, pelo sentir dos materiais, das texturas, os campos visuais e seus múltiplos aspectos; por entre esse espaço e tempo. A efemeridade das coisas e a valorização do presente, bem como a flexibilidade e a transformação do espaço conforme a interação do indivíduo; são características essenciais no modo de pensar a cultura e a arquitetura japonesa.

A planta de arquitetura dos antigos mestres construtores japoneses não possuía nem fachadas nem cortes. O desenho era bidimensional. Os elementos importantes eram: coluna e viga, representados por pontos pretos, que simbolizavam todo o edifício. Apenas observando estes pontos um bom mestre era capaz de visualizar o edifício acabado. De acordo com Itoh "a existência deste sistema trouxe a possibilidade de visualização mental de todas as partes acima do plano". Tal capacidade de visualização permitia que o intervalo entre pontos, conhecido como *ma*, constituísse um tipo de espaço que, apesar de invisível, fosse considerado. (NEIVA; RIGHI, 2008, p.34).

O *ma* é uma forma estética particular do Japão. Sua origem nasce da ideia de um espaço vazio conformado por quatro pilastras para estabelecer uma conexão com o divino. *Ma* pode ser um momento ou um espaço de indeterminação e ao mesmo tempo de possibilidades. Ele pode se apresentar de diferentes maneiras na cultura japonesa, como o espaço-entre (*engawa*); o intervalo ou conexão entre as coisas; a sobreposição do espaço e tempo; o vazio e o aspecto sensorial.

Entendendo que a essência da arquitetura japonesa é a permanência do *ma* no modo de pensar e projetar um

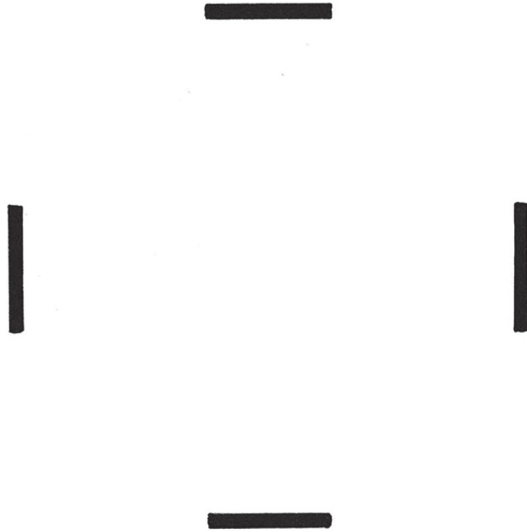
espaço, este ensaio explora os conceitos de vazio, intervalo, conexão e sensorial por meio da seleção de diagramas e croquis realizados na análise dos três projetos. Esses conceitos aparecem de diferentes maneiras no desenho projetual, através de características que coexistem na composição desses espaços, como a interação do indivíduo no espaço; o ritmo intervalar de um percurso; a potência de um vazio; a conexão e diálogo do interior com o exterior e suas diversas sensações.

A arquitetura japonesa materializa esses conceitos através dos elementos arquitetônicos e a espacialidade gerada pela composição deles. A partir das análises, percebe-se que há uma mudança na utilização de certos materiais, na implementação de determinados elementos e no próprio desenho projetual; mas os conceitos e suas características permanecem; tomando outras formas, se expressando em outras materialidades. E essa permanência, é por si só a essência.

VAZIO

O vazio é o que pode tudo porque pode conter tudo. Somente no vazio o movimento torna-se possível. (OKAKURA, 2009, p.70).

Ma é valorização do vazio, do oculto. É privilegiar a percepção e a sensação, transmitindo equilíbrio e estabelecendo uma conexão com o sagrado e o profano. O *ma* proporciona a potencialidade e a possibilidade do espaço e do tempo. Pode ser o silêncio contido em uma pausa musical; ou o espaço em branco do papel; ou ainda o vazio que enquadra e compõe uma pintura. *Ma* é essa ausência que molda e constrói; que gera uma potência; uma sensação. Diferente da concepção ocidental de compreensão do vazio — a inexistência — a espacialidade *ma* é uma ausência presente.



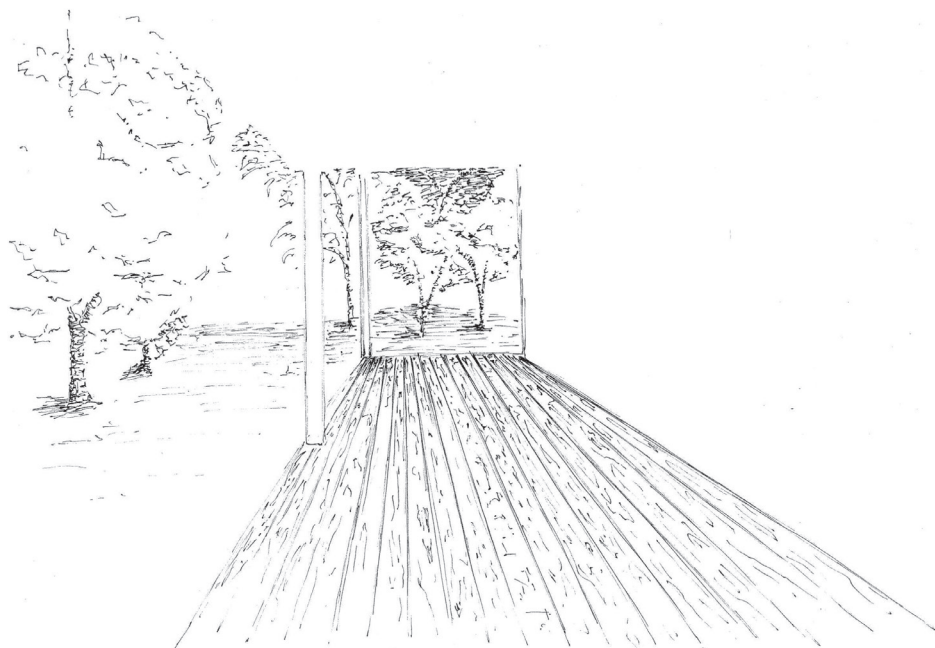
Desenho realizado pela autora dos pilares da Sky House (1958) do arquiteto Kiyonori Kikutake.

INTERVALO

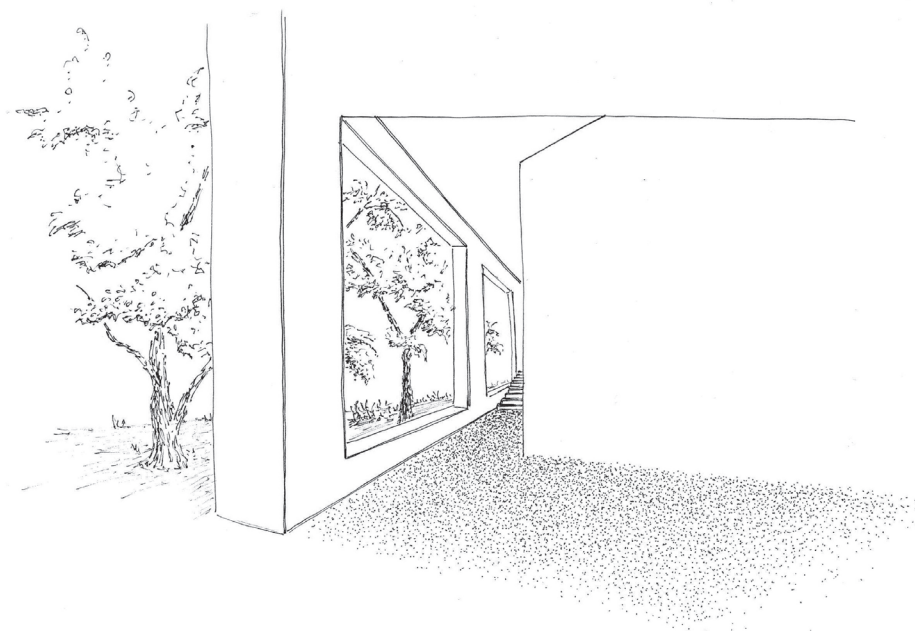
Engawa apresenta-se como uma extensão do ambiente interno, mas invadida pelos elementos externos: pela luz, pelo vento e pela visão da paisagem externa. Cria-se, assim, uma zona ambivalente de conexão, entendida tanto como externa quanto como interna, preñe de possibilidades de ações, isto é, uma espacialidade *ma*. (OKANO, 2007, p.69).

O *engawa* é um espaço intervalar; é uma pausa e a coexistência do interior e o exterior do projeto. É um espaço de transição.

Podendo ser um lugar de convivência, de estar e contemplação da natureza em um fim de tarde, o *engawa* é uma faixa de extensão do projeto, coberto pelo beiral do telhado. A materialidade do seu piso difere do interior da edificação, e seu nível é elevado do solo se distanciando do externo; isso enfatiza a leitura do *engawa* como um espaço-entre, intervalar.



Desenho realizado pela autora do *engawa* do Katsura Imperial Villa (séc. xvii).



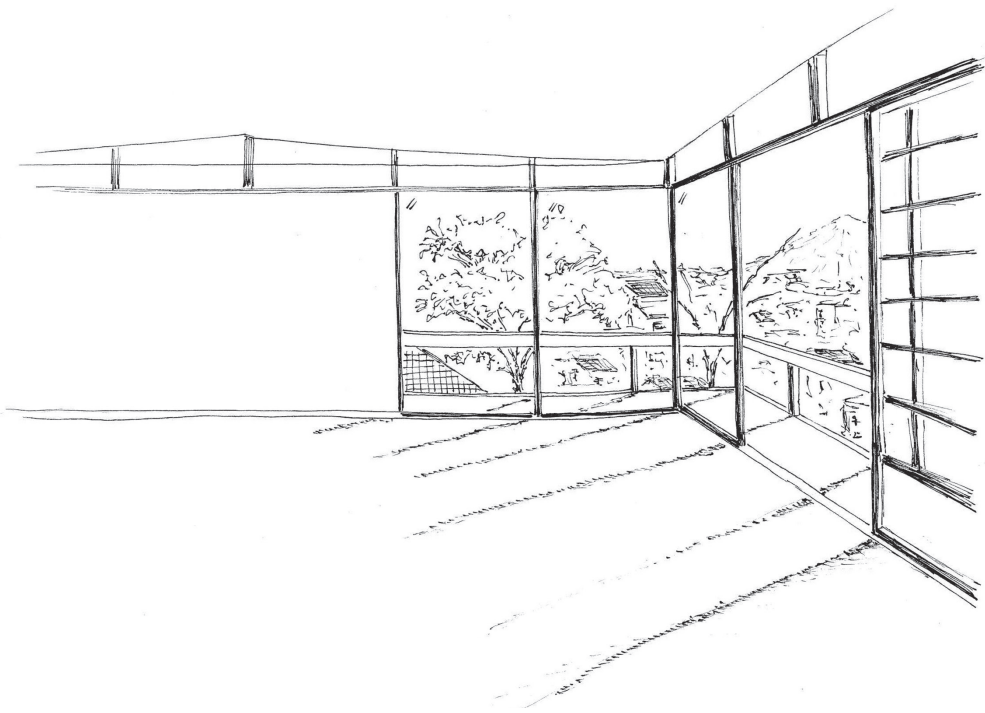
Desenho realizado pela autora da vista externa da Musashino Library (2010) do arquiteto Sou Fujimoto.

CONEXÃO

Ideia de se ter a arquitetura não como um suporte, mas como sujeito da interação e vinculação comunicativa. Assim, um constante e rico diálogo entre a arquitetura, a arte e a natureza é apresentado [...]. (OKANO, 2014, p.158).

As vedações permitem movimentos, transformações e conexões em seus diversos aspectos. Na arquitetura japonesa há um constante diálogo do interior com o exterior da construção. Experiências sensíveis que potencializam a presença do indivíduo na sua relação no espaço.

Tal conexão se dá através de elementos flexíveis, que podem ampliar ou reduzir o espaço de acordo com as necessidades. De materiais que possibilitam certa transparência, como o vidro, ou o efeito translúcido do *shoji* — painel estruturado em madeira com camada de papel *washi*. A entrada de luz no ambiente é filtrada, e transmite no papel a paisagem exterior em sombras de silhuetas ao vento. A conexão se dá de forma fixa também, intrínseca ao desenho arquitetônico, projetada para enquadrar uma situação, uma paisagem.



Desenho realizado pela autora de uma vista interna da Sky House (1958) do arquiteto Kiyonori Kikutake.

SENSORIAL

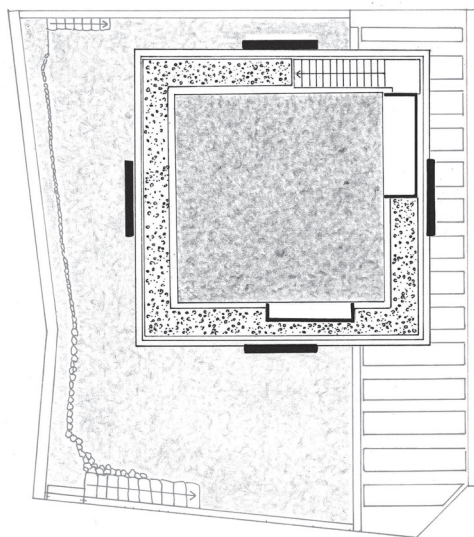
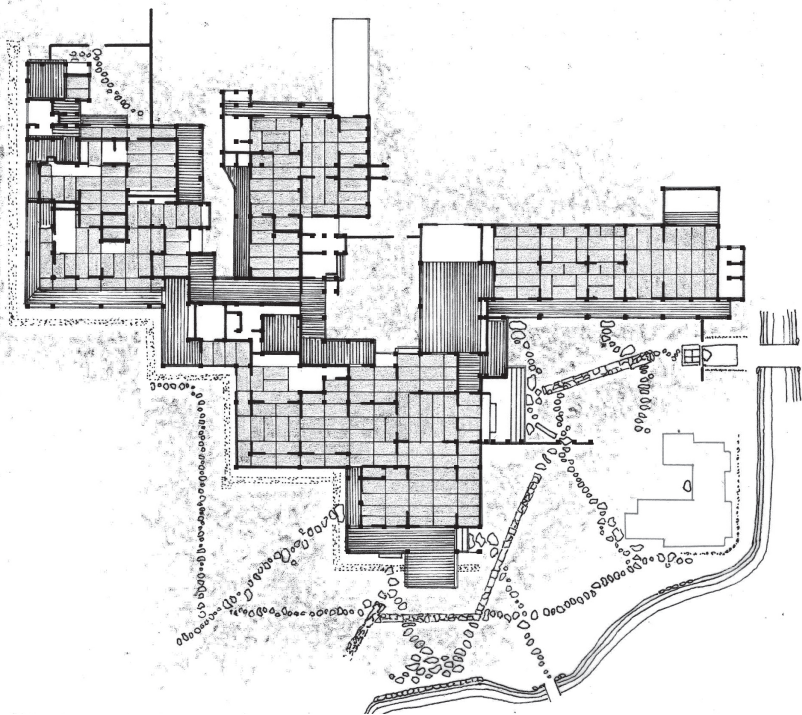
Ao se caminhar por esses espaços, uma nova cena é descoberta a cada curva. [...] cada componente é visto em uma sucessão. O espaço nunca é revelado em sua extensão de uma só vez, mas se mostra, pouco a pouco, no tempo. [...] Não importa o desfecho espetacular, mas a sucessão, resultante do caminhar. (NEIVA; RIGHI, 2008, p.39).

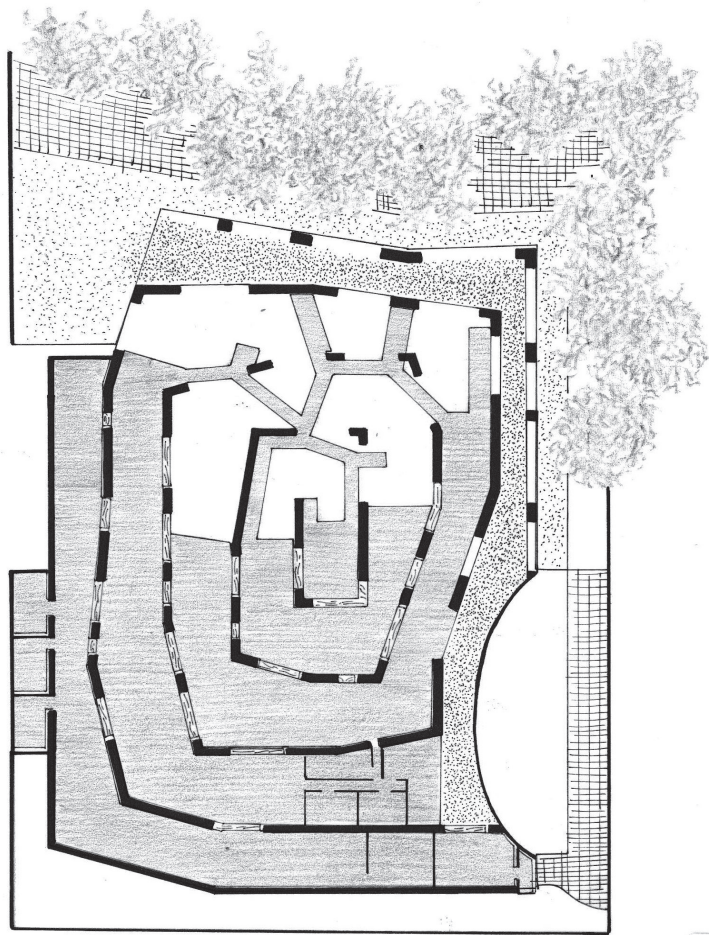
A arquitetura japonesa é percebida através do caminhar, da interação entre o indivíduo, o espaço e a paisagem. É através dessa relação que se faz a construção; descobrindo aos poucos, pequenas partes de um todo.

Cada descoberta surpreende pela espacialidade; pelas visuais; detalhes que de forma sutil influenciam na relação no espaço. É um percurso, repleto de sensações singulares transmitidas em cada momento. E é através das sensações, que a compreensão de um determinado espaço — de uma arquitetura — ocorre. Pensado de tal maneira, provocando diversas experiências e sensações no indivíduo; nesse espaço e tempo.



Desenho realizado pela autora de um caminho do jardim do Katsura Imperial Villa (séc. XVII).





Desenhos realizados pela autora das plantas dos projetos: Katsura Imperial Villa (séc. xvii), Sky House (1958) do arquiteto Kiyonori Kikutake e da Musashino Library (2010) do arquiteto Sou Fujimoto.

REFERÊNCIAS

- FUJIMOTO, Sou. Primitive Future. **International Architecture Magazine** 26, Barcelona, n.50, 2009.
- ITO, Toyo. **Arquitetura de limites difusos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- KRSTIC, Hristina; TRENTIN, Annalisa; JOVANOVIC, Goran. Interior-exterior Connection in Architectural Design Based on the Incorporation of Spatial in Between Layers. Study of Four Architectural Projects. **Spatium**, n.36, p.84-91, jan. 2016.
- LACERDA, Marina. O conceito "ma" para Arata Isozaki. **Archdaily**, São Paulo, mar. 2019. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/912901/o-conceito-ma-para-arata-izozaki-modo-de-ver-o-mundo. Acesso em: ago. 2019.
- MICHAELIS: minidicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.
- NEIVA, Simone; RIGHI, Roberto. A importância da cultura na construção do espaço urbano no Japão. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n.24, p.26-43, dez. 2008.
- NITSCHKE, Gunter. Ma: The Japanese Sense of Place: In Old and New Architecture and Planning. **Architectural Design**, Tóquio, n.36, p.116-156, mar. 1966.
- OKAKURA, Kakuzo. **O livro do chá**. Trad. Cláudio Giordano. São Paulo: Editora Pensamento, 2009.
- OKANO, Michiko. **Ma: entre-espaço da comunicação no Japão um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- OKANO, Michiko. Ma: a estética do entre. **Revista USP**, São Paulo, n.100, p.150-164, fev. 2014.
- SHINOHARA, Kazuo. O conceito japonês de espaço. In KATAYAMA, Juliana. **As premissas das habitações mínimas no Japão pós-ocupação estadunidense**. 2019. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Associação Escola da Cidade, São Paulo, 2019.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada na Escola da Cidade em 2019.
catacalil@hotmail.com